

CAPÍTULO I

(...)
Nada mudou.

Se eu pudesse não andava nisto,
vereda abaixo, a descer custa mais, trituram-se os ossos dos joelhos, arruínam-se as articulações, estiram-se as veias e os tendões em ganidos interiores, uma junta de bois a gemer cá dentro, o peso todo da carga amparado nos cotovelos,
aspas solitárias,
que o isolavam a ele, homenzinho agarrado ao chão, raízes nos pés arrastadiços em solo árido e vermelho, sob uma luz cansada de fim de tarde, a alumiar por mera conjugação astral, nada lá em cima se compadecia do esforço do homem,
< entalado entre uma aspa de cada lado >,
braços em ângulos ínvios, o esquerdo puxa mais, o carro afunda o trilho numa só banda, é derivado da assimetria, lamenta-se o homem, sempre se ajeitou melhor com a mão esquerda, na sachola ou enfiar o fio na agulha da avó, na aldeia as mães desconfiadas sumiam-lhes os filhos debaixo das saias, não fosse ele estender-lhes a mão antípoda, ficava endemoninhada a criança, ou gaga, que vida esta, se a força se concentrava à esquerda guinava-lhe o carro para a direita,
e cada desvio tem o seu preço,
ele resvalar nas tairocas de amieiro toda a carga que o duplicava em peso e o quadruplicava em volume, quatro sacas de azeitonas transportadas em carrocinha, se eu pudesse não andava nisto, um cinto, arreios humanos a moerem-lhe os músculos precários, e a pressa dos

companheiros que já cruzavam o vale, ele franzia as pálpebras e distinguia-lhes os vultos, a língua a amparar-lhe as vagarosas bagas de suor salgado,

onde não estás seguro não te demores, é fácil de dizer, sua-se muito a praticá-lo,

nunca olhes para trás, fácil de dizer, ainda mais de praticar, que o corpo vai tão moído, antes quebrar que torcer o pescoço em indagações temerosas,

continua a caminhada, faz três gerações que cumpres o fadário, quem és tu mais que os outros que te precederam, teu avô, teus irmãos, teu pai,

seja ele quem for,

na aldeia o único homem, canhoto como ele, paralisado de uma queda, no alto de um telhado a remendá-lo, falhou-lhe uma telha, na vacilação jogou a mão esquerda aos ajudantes que nem no impulso da urgência a quiseram agarrar, estatelou-se lá em baixo, em cheio a espinha no toco de árvore, o que restava de um carvalho desgrenhado e oco por dentro, que ele próprio serrara, uma semana a desfazer o que dois séculos ergueram, a serra por ele construída com a pega do lado inverso, e só porque os ramos com o vento lhe desgovernavam as telhas, as costas em cheio no coto ainda rilhado, saco de ossos quebrados, aos gritos a mulher ao ver os outros tentarem compor-lhe a ossatura, o corpo desarticulado no chão, um cotovelo invertido, lascas a saírem pelo joelho, a mulher aos gritos, marioneta desarticulada, porquê tanto alarido, se ele não sentia nada,

a mulher aos gritos,

sem saber se era do sangue negro que inchava a terra, se do branco afiado do fémur, lançou-nos a mão esquerda, retorquiam os homens, como se isso os desobrigasse ao auxílio, o canhoto da aldeia não mais levantou o braço esquerdo, nem qualquer braço nem pernas, uma farpa de carvalho encapsulada na coluna impedia-o de permanecer de pé ou deitado,

o carvalho passou a fazer parte da sua anatomia, mantinha-o a família sentado numa cadeira dia e noite, de manhã os filhos despejavam o bacio encastrado no tampo e levavam-na cá para fora, o dia inteiro, hirto e escanzelado, um fuso de homem, de braços pendidos como os dos gigantones das feiras, ridículos e inú-

teis, frente aos despojos orgulhosos de um carvalho, que não o protegia nem do vento nem do sol, toco de árvore, toco de homem, tanto um como o outro, secos e erodidos, e interiores ocos, uma noite os filhos esqueceram-se de arrastar a cadeira para dentro, não resistiram os seus pulmões porosos, interiores ocos, a uma noite de vendaval, morreu de pleurisia, sentado, de uma tosse seca, sem seiva como o cepo, durante uns dias a tosse a interromper minutos vagarosos,

ninguém fica doente muito tempo na aldeia, mesmo no caixão sentado, nenhum lhe quis quebrar a espinha, querem lá ver isto?, coveiros a cavar uma sepultura abaulada e com barriga, não tem jeito nenhum, é feitiço deles, os canhotos nem na morte se endireitam,

e ele seguia-me com o olhar, estranhamente ligeiro num corpo estático, e eu, o único rapaz canhoto da aldeia, passava frente à casa do único homem canhoto da aldeia, cobiçava-lhe a serra com a pega invertida, largada a ganhar ferrugem, e enfiava a mão esquerda no bolso, ganhei-lhe o hábito, como agora aceno aos companheiros lá à frente, tão distantes,

êôôôôô, êôôôôô,

com a mão direita, a ver se eles se importam, se eu pudesse não andava nesta vida, deixá-los ir sem fazerem caso, que culpa têm eles se fincam os tornozelos com mais acerto, e a rijeza dos braços direitos se inteiriçou a arrastar com tanto vigor, as regras são não olhar para trás, quem ficar ficou, nesse troço do caminho, está escrito, o teu destino já tem as pegadas vindouras marcadas, passar expeditos, sem ruído que nem o da respiração, larga os ares pelo nariz, não deixes que as pedras te atraiçoem, a conspiração do cascalho, resiste em deixar-se trilhar pela prensa das rodas, pelo amasso das solas, resvalam as pedras negras, unem-se em derrocadas pequeninas, trazem outras consigo na rebelião, como uma cascata enxuta e estrepitosa e quando embatem lá em baixo no precipício, ganham o conluio do eco, trovoadas secas, que denuncia o homem de articulações trementes, < e cotovelos em aspas >, se eu pudesse não andava nisto,

isso dizem todos,

verdade universal, que vida de homem é esta, feito animal de tamanho carrego, que os próprios são poupados, a ruminar nos currais da

aldeia, aqui são os homens a fazer o trabalho das bestas, neste fim do mundo, de leis tresvariadas, levava-se o burro às costas se preciso fosse, mantém-te discreto na tua condição de larva frouxa e retardada, curvado e rente ao chão, é esse o teu lugar, some-te, invisibiliza-te, insonoriza-te, e, mesmo que não o consigas, homem de rastos que arrastas, porque as tamancas não silenciam as pedras, e a respiração ofega, antes aligeirar o prejuízo, não se pode dar ao luxo de perder a colheita e o animal, antes se sacrifica o humano, esse não tem préstimo para salteadores, e é mais uma boca a alimentar e a soltar suspiros de comiserção, fica onde morto tombas, além do mais tem manhas o homem, que aos animais não ocorre, julga ele que pode iludir, dissimular-se na paisagem, ser tácito, recatado, e já larga um rasto de suor e na sua marcha sísmicos desmoronamentos o traem, se eu pudesse não andava nisto, há uma hora que o atormenta um ardor no músculo da coxa, manqueja, vacila, cambaleia, mas nunca pára, os companheiros levam-lhe vantagem, e a dor queima como um estilhaço fundente, a cravar-se na carne a cada passo, se a sentes quente não te apoquentes, costumava dizer-lhe a avó, para quem dor sempre foi coisa de nada,

o que não se vê não dói, o que não sangra não aflige,

finou-se-lhe a avó de morte silenciosa, sem sangue, sem dor, sem queixume algum, apenas um sussurro pela manhã,

não estou capaz,

pela primeira vez na vida não se levantou, morreu por partes, primeiro os pés que se lhe pararam gelados, encolhidos os dedos e juntos numa prece invertida, depois os joelhos espúmeos, como caracol esmagado deixado ao sol, depois a boca que se mirrou até se sumirem os lábios, e ficar só uma fresta negra e um coração a bombear num corpo em falências miúdas, a pele dos braços só escamas e veias flácidas azuis, e o bater do coração, renitente em parar, como ele agora na travessia, por mais que lhe ardesse o maldito tendão da perna, dura caminhada, e os olhos dela em fenda, poço de água inquinada, impotável, de onde jamais se poderia voltar a beber, uma semana nisto, um corpo só coração, a insistir, a resistir, a bombear, toda ela apagada e aceso o coração,

quanto esforço, avó, deixa-o descansar, o que não se vê não dói, o que não dói não se sente, o lençol quase sem vulto por baixo, sem

as ancas largas, sem o peito ancho, devorava-se a si próprio o corpo por dentro, mas o coração não desistia, até um dia, enquanto lhe ajeitava a cabeça, ficou-se num vagido de recém-nascido, morreu como nasceu, uma morte íntima e celular,

nunca ninguém fica muito tempo doente na aldeia, velhice ali é privilégio das pedras e dos lagartos muitos velhos, e porque lhe vem à cabeça agora a morte da avó?, a mulher que nunca o agasalhou nem lhe susteve os primeiros passos, porque o queria rijo e ele de pernas hesitantes e já ela o desamparava da sua beira, a lançá-lo ao mundo, cheio de arestas e espinhaços, e as suas mãos, como se sempre enluvadas de tamancos, enxotavam, repe-liam, magoavam, não eram mãos de afago ou de aconchego, se penteou ou catou piolhos, alguma vez, às irmãs, era para arrepelar, levar atrás umas quantas madeixas e muitos gritos, cada bofetada era sapatada, onde calhasse, na cara, no pescoço, onde pousava as mãos deixava mossa e nódoa negra, com elas esganava um carneiro adulto, com dois dedos partia a coluna de um coelho, e ele amava-a profundamente, a ela e às suas rugosas mãos de cardos, e se nunca casou, se nunca desertou dali, como todos os irmãos, foi para que nada faltasse àqueles calos, onde não entrava farpa afiada, nem água fervente escaldava,

tanto me foste ensinando, nos teus sábios silêncios, mas esquece-te de me ensinar a esquecer-te,

ela que se oferecia para se vestir de homem e puxar a carroça pelas escarpas, e assim acudir ao marido embriagado, que se entornava pelos caminhos, inapto, se não conseguia sequer encontrar a porta de casa, e à filha, essa tão perdida da cabeça quanto o pai, mas não era do vinho, era mesmo dela, tal disposição em agradar fosse quem fosse, e faziam-lhe crianças os homens da aldeia, e ela deixava, contemporizava e aceitava, talvez se lhe pudesse chamar bondade, excesso de generosidade, incapacidade de se negar, e via a avó a casa cheia de pirralhos para criar, e queixas do mulherio e do pároco que indulgenciavam os machos, que nunca eram de ferro, mas não perdoavam à tonta, risonha e prazenteira, delicada como uma haste, mãos leves, dedos esguios de harpista, as mãos da avó levavam tudo à frente, as da filha pareciam sempre segurar a asa de porcelana de Limoges, que ela nunca na sua vida teria ao